

A pandemia, as TDIC e ensino remoto na educação básica: desafios para as mulheres que são mães e professoras

Eliandra Francielli Bini Jaskiw¹
Claudemira Vieira Gusmão Lopes²

231

Resumo

Nesse momento no qual o Brasil e o mundo passam por uma crise sanitária sem precedentes, devido à uma nova doença humana, a Covid-19, causada pelo coronavírus, surgem desafios sociais, econômicos e educacionais. A chegada da pandemia provocada pelo coronavírus e a necessidade de se manter o distanciamento social fizeram com que o ensino presencial precisasse ser repensado. Adotou-se, no Paraná, o sistema de aulas remotas, com a utilização da plataforma Google Sala de Aula, plataforma oficial de ensino- aprendizagem da Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED). O objetivo deste texto é apresentar um relato dessa experiência, a partir do ponto de vista da experiência profissional das autoras, da revisão da literatura e de narrativas de professoras, via redes sociais, além de reuniões e encontros online via plataformas como o Google Meet. As TIDCs são hoje uma realidade e, como mães e professoras, ressaltamos a importância do seu uso e todos os benefícios trazidos por elas. Destacamos o adoecimento das mulheres que são mães e atuam na docência, que já vivenciavam uma situação de sobrecarga no trabalho, ampliado consideravelmente durante a pandemia. Nesse sentido, as mães e professoras tem apresentado sintomas de adoecimento compatíveis com a Síndrome de Burnout, o qual precisa ser melhor investigado.

Palavras-chave

Sobrecarga de trabalho. Precarização da educação. Tecnologias.

Recebido em: 31/07/2020

Aprovado em: 26/01/2021

¹ Mestre no Ensino de Ciências Ambientais pela UFPR- Setor Litoral; especialista em Educação, Meio Ambiente e Desenvolvimento pela UFPR; especialista em Educação Especial Inclusiva pela Faculdade São Bráz; Graduada em Ciências Biológicas pelas Faculdades Integradas Espírita.

E-mail: eliandrajaskiw@hotmail.com

² Professora Adjunta da Licenciatura em Educação do Campo e do Programa de Pós-Graduação em Rede Nacional para Ensino das Ciências Ambientais da Universidade Federal do Paraná, Coordenadora Núcleo de Tecnologia Educacional da UFPR – Setor Litoral.

E-mail: clauvieiragusmao@gmail.com

Abstract

In this moment in which Brazil and the world are going through an unprecedented health crisis, due to a new human disease, Covid-19, caused by the coronavirus, social, economic and educational challenges arise. The arrival of the pandemic caused by the coronavirus and the need to maintain social distance made the face-to-face education needed to be rethought. In Paraná, the system of remote classes was adopted, using the Google Classroom platform, the official teaching-learning platform of the State Department of Education of Paraná (SEED). The purpose of this text is to present an account of this experience, from the point of view of the authors' professional experience, the literature review and teachers' narratives, via social networks, in addition to meetings and online meetings via platforms such as Google Meet. Today, TIDCs are a reality and, as mothers and teachers, we emphasize the importance of their use and all the benefits brought by them. We highlight the illness of women who are mothers and work in teaching, who already experienced a situation of work overload, which increased considerably during the pandemic. In this sense, mothers and teachers have shown symptoms of illness compatible with Burnout Syndrome, which needs to be further investigated.

Introdução

Quando o número de pessoas infectadas por determinada doença aumenta numa região específica chamamos esse fenômeno de surto. Se o número de surtos aumentar vertiginosamente, atingindo várias regiões de uma cidade ou estado, alastrando-se pelo país dizemos que o surto se transformou numa epidemia. Por sua vez se a epidemia avançar, atingindo vários países a OMS (Organização Mundial da Saúde) decreta a ocorrência de uma pandemia. Foi o que aconteceu em Wuhan, na China, quando a OMS declarou nos últimos meses de 2019 que havia um tipo de coronavírus capaz de causar uma nova doença, a Covid-19, que por ter se espalhado por vários continentes havia se tornado uma pandemia.

Essa doença representa hoje um dos maiores desafios para a Ciência, pois em pleno século XXI ainda não existe uma vacina que consiga resolver esse caos sanitário. Estamos em julho de 2020 e até agora a doença já causou mais de 610 mil mortes no mundo e infectou 15 milhões de pessoas, segundo os dados da OMS. Só no Brasil são 82 mil mortos e mais de 2 milhões de infectados. (WERNECK; CARVALHO, 2020.).

Os coronavírus não infectam apenas seres humanos. Até agora os pesquisadores já identificaram perto de 40 vírus pertencentes a família Coronaviridae. São capazes de infectar mamíferos, aves e peixes e estão distribuídos em quatro gêneros, quais sejam, *Alphacoronavirus* e *Betacoronavirus* (infectam diversas espécies de mamíferos como morcegos, por exemplo). Os *Gammacoronavirus* e *Deltacoronavirus* (são encontrados em aves selvagens e domésticas). (ROEHE, 2020).

O genoma de um coronavírus é formado por uma única cadeia de RNA envolto em proteínas e de uma camada externa (“envelope”) oriunda das membranas celulares. Trata-se de um vírus sensível a sabões, detergentes e solventes de gorduras, como outros vírus envelopados, caso do HIV por exemplo. (ROEHE, 2020).

O fato de apresentar certas regiões no genoma com facilidade para recombinações faz com que os coronavírus originem novos vírus capazes de infectar células de outras espécies de hospedeiros. São esses vírus alterados que conseguem “pular” de uma espécie para outra. No caso dessas alterações serem bem sucedidas em se disseminar entre os indivíduos da nova espécie hospedeira, poderá surgir uma epidemia ou pandemia.

O coronavírus causador da Covid-19 pode ser transmitido quando levamos as mãos até as células do nariz, da boca, dos olhos ou quando uma pessoa infectada com o vírus espirra, espalhando gotículas de saliva que podem carregar milhares de partículas virais, por isso a indicação do uso de máscaras e a indicação de suspender as aulas e todo e qualquer tipo de aglomerações humanas. De acordo com a literatura, a porcentagem de crianças infectadas que poderão vir a óbito com a Covid-19 é baixo, porém, elas podem levar o vírus para casa e infectar avós, pais e outras pessoas com comorbidades que poderão morrer em consequência disso. Além da população ter que usar máscaras e outros equipamentos de segurança, a OMS recomenda o isolamento social para diminuir as chances de contágio para que o sistema de saúde consiga atender todos os casos de indivíduos contaminados sem colapsar o sistema.

A chegada da pandemia provocada pelo coronavírus e a necessidade de se manter o distanciamento social fizeram com que o ensino presencial precisasse ser repensado. Adotou-se, no Paraná, o sistema de aulas remotas, com a utilização da plataforma Google Sala de Aula, plataforma oficial de ensino-aprendizagem da Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED).

Com o ensino remoto, estabelecido às pressas pela Secretaria da Educação do Estado do Paraná, “todos” os alunos passaram a ter aulas na forma remota no primeiro semestre de 2020 por meio da referida plataforma. Como professoras pesquisadoras atuantes em instituições públicas, nosso objetivo com este texto é apresentar um relato dessa experiência. O relato é resultado da experiência profissional das autoras, da revisão da literatura e da leitura do desabafo de professoras via redes sociais, além de reuniões e encontros on-line via plataformas como o *Google Meet*, por exemplo.

Narrativas da experiência de educação na Pandemia de Covid- 19: ano letivo de 2020

Para Cunha (1997), as narrativas podem ser usadas como ferramentas educativas na pesquisa e no ensino porque ao recuperarmos o sentido das mesmas, trabalhando com elas a partir da construção/desconstrução das experiências do professor/professora podemos provocar mudanças na forma de pensar de quem narrou e de quem lê a narrativa. Portanto, são estratégias relevantes para pensar a educação numa perspectiva emancipadora. (CUNHA, 1997).

Apresentamos descrições dos fatos a partir da realidade vivenciada pelas autoras. Cabe, porém, perceber que aos mesmos fatos cabem outros significados e reinterpretções. Como explicam Berger e Luckmann (1985), na pesquisa sócio- antropológica, as análises têm particular importância para a sociologia do conhecimento porque revelam as mediações existentes entre os universos macroscópicos de significação, objetivados por uma sociedade, e os modos pelos quais estes universos são subjetivamente reais para os indivíduos.

Esse estudo contou com as narrativas das professoras pesquisadoras, com as de seus colegas de trabalho via redes sociais durante o primeiro semestre de 2020, momento do isolamento social e de atividades remotas nas escolas, mediadas pelo diálogo com a literatura. As narrativas foram usadas como instrumental de coleta de dados, num caráter de investigação qualitativa, buscando produzir sistematizações dos fatos acerca do tema “mães e professoras na pandemia”. Pelo fato de as narrativas serem experiências das próprias autoras, há que se considerar a interpretação dos fatos segundo o leitor. Assumindo-se então, a relação dialética entre teoria e realidade, pois concomitantemente a realidade informa a teoria e, esta por sua vez, “a antecede e permite percebê-la, reformulá-la, dar conta dela, num processo sem fim de distanciamento e aproximação” (MINAYO, 1994).

Durante as duas primeiras semanas de isolamento social, março de 2020, a SEED iniciou a contratação de professores para gravar aulas especificamente

para serem transmitidas durante a pandemia, usando para isso canais de TV e a plataforma *YouTube*. Os professores da rede foram comunicados que seriam incluídos na plataforma *Google Sala de Aula* pela própria Secretaria, num espaço oficial e regulado por eles. Aos poucos, controles de frequência de docentes e discentes foram sendo inseridos neste espaço virtual com a sincronização de dados da plataforma com os sistemas oficiais do Estado.

A SEED chamou esse modelo implementado por ela de Educação a distância (EaD). Entretanto, cientistas da educação questionaram essa denominação, afirmando que esse modelo de educação implementado pela SEED durante a pandemia configura Educação Remota.

A Educação a Distância se apresenta como um processo mais complexo e elaborado. Planejado e executado seguindo linhas e normas previamente definidas. A Educação Remota, como caráter de urgência adotada em alguns estados, foi constituída às pressas mediante a crise sanitária instaurada pela Covid-19 e, muitos desafios surgiram. Como não havia documentos, estudos ou experiências anteriores, as medidas foram sendo tomadas pela equipe gestora da SEED, corrigindo e adaptando à medida que os problemas foram surgindo.

Nesse sentido, cabe aqui uma breve reflexão sobre a modalidade EaD para diferenciá-la de ensino remoto. É importante destacar, por exemplo, que a docência na EaD é composta por vários profissionais que assumem funções distintas, cada um com características diferentes (MILL, 2012; LAPA e TEIXEIRA, 2014; MILL, 2014). Geralmente, esses profissionais partilham a docência e exploram saberes diferentes. Na EaD, os profissionais envolvidos podem ser: professores-autores, professores da disciplina, tutores a distância, tutores presenciais, designers instrucionais, diagramadores, cinegrafistas, informatas, entre tantos outros (LAPA; TEIXEIRA, 2014, p. 201). Pelo fato de existir essa integração entre diversos profissionais docentes na EaD, Mill (2014) considera a docência virtual como Polidocência.

Além disso, a modalidade EaD envolve um uso mais intensivo e, ao mesmo tempo, mais competente de aulas online e deve atingir todos os sujeitos. Por

outro lado, não basta ter aulas online, é preciso criar comunidades entre os alunos para que eles possam trabalhar a resolução colaborativa de problemas e ter vivências. Faz-se necessário combinar isso com aulas presenciais ou semipresenciais. Não obstante, não é o que vem acontecendo com o ensino remoto proposto pela SEED. O que observamos foi aulas tradicionais gravadas e disponibilizadas para nossos estudantes sem os recursos e a fundamentação teórica que a EaD exige para assegurar a interação com os estudantes. (LIMA, 2020).

Por outro lado, não foi levado em conta que nem todos os estudantes e mesmo seus professores não possuem uma boa conexão com a internet em casa. Segundo a pesquisa Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020), embora 69,8% da população possua conexão com a internet, apenas 41% de toda a população rural do país está conectada à rede. E quanto aos *Smartphones*, de acordo com a referida pesquisa, representam o meio de acesso à internet por 97% das pessoas, representando o principal meio de acesso, enquanto o computador é acessado por apenas 56,6% dos usuários. Isso explica o fato de muitos dos nossos estudantes terem relatado o acesso aos conteúdos disponibilizados pela SEED por meio dos *Smartphones* pessoais ou dos pais.

Nesse sentido, observamos que o primeiro grande desafio enfrentado pelo ensino remoto proposto pela SEED foi a falta de acesso enfrentada por muitos dos estudantes paranaenses. Alguns pela falta de acesso à internet, outros pela falta de recursos como *Smartphones* e/ou computadores. O governo tentou sanar isso com a disponibilização das aulas através de alguns canais de TV aberta. Segundo Tiepolo, apesar das boas intenções, essa atitude da SEED ilustra “o perfeito modelo de gestão empresarial em que o importante é manter o modelo de escola ‘fordista’, alienante e alienador, a produtividade pela produtividade.” (TIEPOLO, 2020).

Na mesma direção, outro desafio para que surgiu: O que fazer quando na mesma família muitas vezes havia vários filhos em séries diferentes com as aulas coincidindo? As escolas tiveram que encaminhar imprimir as atividades

para encaminhara os estudantes. Esse fato no momento de pandemia, obrigou a equipe diretiva, pedagógica e quadro de funcionários das escolas a se fazerem presentes na instituição, expondo-os ao risco de contágio da Covid-19. Pois a circulação de alunos e professores nesse movimento de leva e traz de atividades, mesmo que com a utilização de máscaras e disponibilização de álcool gel nos ambientes pode ter servido para contaminar muitas pessoas.

Por outro lado, no que diz respeito ao trabalho docente, com as aulas gravadas disponibilizadas numa sequência definida e, depois de um certo momento, vinculadas ao registro de presença dos alunos, muitos professores relataram a perda da autonomia na elaboração e disposição de suas aulas. Tais dados são aqui relatados a partir da comunicação de uma das pesquisadoras com seus colegas de trabalho de todo o município através das redes sociais.

Além dos professores terem perdido a autonomia em planejar suas aulas e a sequência dos conteúdos respeitando o ritmo das turmas, pelo fato das aulas disponibilizadas pela SEED não respeitarem o tempo de aprendizagem de suas turmas. Observamos que temas que seriam trabalhados em duas ou três aulas, foram apresentados aos estudantes pelos professores contratados para as aulas remotas em uma única aula. Isso implicou em maiores dificuldades de aprendizagem, homogeneização dos padrões de aprendizagem dos estudantes, desconsiderando aqueles com dificuldades, além de aumentar o trabalho por parte do profissional do magistério efetivo da SEED, responsável por acompanhar e orientar as atividades disponibilizadas pela mantenedora na rede. Esses docentes precisaram orientar caso a caso (como aulas particulares), muitas vezes utilizando seu *Whatsapp* pessoal para poder enviar áudios e vídeos. Ou seja, o tempo cronológico do trabalho docente e discente aumentou consideravelmente.

A professora pesquisadora Elisiani Tiepolo (2020), diretora do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, considera que nesse modelo “fordista” de ensino, o processo torna-se apenas uma técnica a ser aplicada. O confronto de ideias, a coletividade e a heterogeneidade desaparecem com os indivíduos em suas casas, em seus espaços privados, cada um com seu próprio eu. “Diante da

“tela”, um anônimo interage com a máquina, que jamais poderá se constituir em espaço das contradições, das emoções, da formação política, estética e ética que são as salas de aula”, afirma ela. Tal modelo desconsidera as lutas educacionais e pedagógicas. A formação-mercadoria, de baixo custo e qualificação serve para engrossar a massa de diplomados.

Outro fator que merece destaque nesse relato foi o controle de presença dos alunos. Ele demandou muito mais tempo por parte do docente durante o trabalho remoto. No princípio, as presenças eram lançadas conforme acesso no sistema controlado por anotações do professor. Era preciso entrar na mesma data de aula várias vezes, pois nem todos os alunos realizavam as atividades no mesmo dia. Aqueles que fizeram atividades manuscritas precisavam ter sua frequência registrada depois da correção. Mais tarde, um sistema denominado BI - ou ferramenta de *Business Intelligence*: um software de aplicativo que coleta e processa grandes quantidades de dados não estruturados de sistemas internos e externos - foi inserido para tal controle, mas ainda assim, o lançamento de presenças e faltas exigia que o professor volta-sena mesma página várias vezes.

Além disso, nesse mesmo sistema, o controle de presença do trabalho do professor passou a ser controlado por uma postagem no mural do *Google Sala de Aula*, sendo uma por turma, conforme horário da escola. O sistema não reconhecia mensagens replicadas. Ou seja, o professor que antes tinha a possibilidade de postar a mesma mensagem para várias turmas da mesma série, precisou, a partir de então, entrar turma por turma para fazê-lo, consumindo tempo que poderia ser utilizado para orientações mais relevantes. Outrossim, toda interação com alunos sobre atividades, correções, preparação de material extra, comunicação via *Whatsapp*, vídeos, áudios, registros de chamada *online* e tantas outras formas de trabalho docente não conseguiam e não eram computadas por esse sistema. Tudo isso onerou e impactou o trabalho docente.

Sobre tal modelo estabelecido, Tiepolo (2020) acredita que aqueles professores que são adeptos da visão conteudista e verticalizada da educação usavam as altas tecnologias e as imensas possibilidades da mídia para reproduzir a prática

prescritiva e dissertativa de depositar conhecimentos. Paulo Freire descrevia tal prática como “educação bancária”. “Muda-se a carteira escolar para o sofá da casa, muda-se o quadro de giz para um computador ou celular, mas mantém-se a relação vertical e opressora da educação que serve aos opressores.” (TEIPOLO, 2020)

Ainda nesses termos de educação bancária, como muitos estudantes não conseguiram acesso à plataforma por inúmeros motivos, foram criados grupos de *Whatsapp* para cada turma. Nesses grupos alguns estudantes sem acesso ao *Google Sala de Aula* conseguiam se inteirar dos assuntos. Vale ressaltar que, na maioria das vezes, as dúvidas eram esclarecidas individualmente. Ou seja, a prática de se esclarecer dúvidas coletivamente de sala de aula foi quebrada. Vivências importantes no processo educacional como as interações, as vivências, o coletivo e a heterogeneidade foram deletadas. A prática na coletividade era válida no sentido de que a dúvida de um, muitas vezes, era a dúvida do outro também, e o trabalho do professor era mais bem aproveitado, bem como a aprendizagem enriquecida. Além do mais, a comunicação de recados via comentários no *Google Sala de Aula* não se mostrou tão eficiente quanto aquela estabelecida no *Whatsapp*, pois os estudantes respondiam quase que imediatamente nesse último.

Em muitas escolas, os professores foram cobrados por pais e pela equipe pedagógica como se fosse responsabilidade exclusiva deles a não entrega das atividades por parte de determinados alunos. Sobre esse assunto Esteves (1999, p. 33 - 34) fundamenta que

é curioso observar, também, como os pais, tanto nesse aspecto quanto em muitos outros, simplificam os males da escola, declarando os professores responsáveis universais por tudo que nela possa haver de errado, inclusive quando se trata de problemas em que a responsabilidade real do professor e sua capacidade para evita-los é muito limitada. Os professores se sentem, assim, injustamente julgados [...].

De fato, a valorização do trabalho efetivo do professor em seu local de trabalho só se dá em sentido negativo. Se um professor faz um trabalho de qualidade dedicando-lhe maior número de horas além das que configuram sua jornada de trabalho, poucas vezes se valoriza expressamente esse esforço suplementar, não obstante, quando o ensino fracassa, às vezes por um acúmulo de circunstâncias ante as quais o professor não pode operar com

êxito, o fracasso se personaliza imediatamente, fazendo-o responsável direto com todas as consequências

Tudo isso ocasionou um aumento considerável do trabalho, gerando uma sobrecarga de responsabilidades que têm adoecido muitos colegas trazendo à tona o conhecido mal estar docente.

A acelerada mudança do contexto social acumulou as contradições do sistema de ensino. O professor como figura humana desse sistema, queixa-se de mal-estar, cansaço, desconcerto. A mudança não fez senão começar [...], a educação está agora empenhada, pela primeira vez em sua história em preparar os homens para um tipo de sociedade que ainda não existe. (ESTEVE, 1999, p.32).

241

Como se não bastasse todas as dificuldades enfrentadas pelos professores para ministrar aulas remotamente, alguns alunos devolveram as atividades do semestre em branco, tanto as que estavam na plataforma como as que foram enviadas no formato impresso fazendo com que os professores e equipe pedagógica precisassem retomar caso a caso. Entretanto, devido ao isolamento social, o acesso aos alunos ficou limitado aos encontros virtuais, dificultando encontrá-los e ou acessar seus responsáveis. Com isso, as planilhas de conceitos ficavam por ser preenchidas mais tarde, quando do recebimento do material. A SEED- PR instruiu os professores para aceitar trabalhos atrasados do 1º trimestre, que se encerrou no início de maio, até quando eles pudessem entregar, pois se as aulas presenciais voltassem, os estudantes teriam 60 dias para colocar tudo em ordem, independente do período do ano letivo.

Precisamos repensar esses padrões que enfatizam uma educação em função de um projeto opressor, pois, como Freire (1987) alertou “na verdade, o que pretendem os opressores é transformar a mentalidade dos oprimidos e não a situação que os oprime, e isto para que, melhor adaptando-os a esta situação, melhor os domine”.

Ressaltamos que um grave problema enfrentado por professoras e alunos durante o ensino remoto foi a falta de recursos tecnológicos. Não são somente os alunos que possuíam apenas uma TV para mais de um estudante assistir suas aulas em horários concomitantes, ou apenas um computador ou *Smartphone* para fazer as atividades, as professoras também vivenciaram essa situação com seus filhos ou esposos em *home office*, ou seja, às vezes os equipamentos usados

pelos filhos são os mesmos que as mães que são professoras utilizam para trabalhar.

Além disso, as professoras foram expostas a uma realidade que trouxe consigo uma sobrecarga de afazeres. Estão em casa com seus filhos em quarentena, logo, é preciso cuidar das crianças, fazer mais refeições para a família (quando eles estavam na escola, alimentavam-se na instituição), organizar a casa que, por estar frequentada por mais tempo, se desorganizava mais fácil, orientar a tarefa dos seus filhos e assumir a docência. Todas essas tarefas eram concomitantes na maioria dos relatos que ouvimos das colegas que são mães e professoras.

Assim, ainda de acordo com os relatos das colegas, a vida de professora e mãe durante a pandemia, tem se resumido a cozinhar, deixar a roupa batendo na máquina de lavar, enquanto orienta seus filhos nas tarefas e aulas, ao mesmo tempo que orienta seus alunos via plataformas digitais. Tal modelo não tem se apresentado saudável emocionalmente e fisicamente. A quebra de rotina fez inclusive mudar o horário de refeições da família. A adaptação da casa para o espaço virtual de ensino demandou tempo e recursos. O ensino remoto sem as condições adequadas tem causado um sentimento de desânimo e apatia nas mulheres que são professoras e mães, sentimentos esses parecidos com a síndrome de Burnout. Além das dores físicas na lombar e cervical de alunos e professores devido à falta de ergonomia dos equipamentos usados que são inadequados para o trabalho no lar. Para Codo e Vasques – Menezes (1999, p. 238)

Burnout foi o nome escolhido; em português, algo como “perder o fogo”, “perder a energia” ou “queimar (para fora) completamente” [...]. É uma síndrome através da qual o trabalhador perde o sentido de sua relação com o trabalho, de forma que as coisas já não o importam mais e qualquer esforço lhe parece ser inútil [...]. Schaufeli et al. Chegam a afirmar que este é o principal problema dos profissionais da educação.

Um relato poético nos leva à reflexão desse período de crise sanitária, social e educacional que exemplifica os problemas que podem colaborar para a síndrome de Burnout nas professoras que mesmo antes da pandemia já vivenciavam sobrecarga de trabalho, agravados substancialmente pela pandemia:

O CLAISSONRUIM E O ASSASSINATO DA POESIA. No início da década de noventa, Rubens Alves publicava "A Alegria de Ensinar", obra que encantou muitos e muitos educadores em todos os quadrantes do país. Para Rubens Alves, a escola era lugar da filosofia, da poesia, da fantasia, da ciência, da imaginação, da invenção... era, em síntese, um lugar de explosão de vida.

Hoje ainda tenho esse livro aqui em minha estante. Olho para ele e lembro com saudades daquele tempo em que a ideia de que ensinar, concebida como ato mágico de criação e de recriação, proporcionava alegria. E aí, lembrando desse tempo, bate a melancolia da Cecília Meireles. [...] eu não tinha este rosto de hoje, assim calmo, assim triste, assim magro, nem estes olhos tão vazios, nem o lábio amargo. Eu não tinha estas mãos sem força, tão paradas e frias e mortas; eu não tinha este coração que nem se mostra. Eu não dei por esta mudança, tão simples, tão certa, tão fácil: Em que espelho ficou perdida a minha face? Em que espelho se perdeu a minha face? Em que espelho de qual bruxo do mal se perderam milhares de faces de milhares de educadores? Em um currículo engessado imposto pelo governo autoritário? Na exigência de transmissão de conteúdos fossilizados, inúteis e sem sentido? Em programas de metas e de resultados? No treinamento de estudantes para a obtusa Prova Paraná? Na desvalorização, na perseguição e na criminalização dos professores? No dia 29 de abril de 2015? Toda palavra, segundo Bakhtin, terá seu momento de ressurreição e de glória. As páginas de Rubens Alves, tão feiticeiro da palavra quanto Guimarães Rosa, não se desfazem no tempo. Estão presentes em nosso imaginário e mantêm viva, bem lá no fundo de nossa alma, a certeza de que Renato Feder e toda essa estupidez passarão... e - como invocação da poesia perdida - nós passarinho. Vamos sobreviver ao claissonruim. (professora S. da Rede Estadual do Paraná, 2020)

O texto supracitado explicita bem a problemática que esta educação remota causou nas famílias dos estudantes por não conseguir ajudar seus filhos nas atividades, outros tantos pais que não conseguiam lidar com a resistência desses na realização das atividades, outros filhos que se viram obrigados a recriar a rotina de casa e de alguma forma trabalhar também para que o sustento da casa fosse mantido no período da pandemia que atingiu fortemente a economia.

Alguns relatos de professoras apontaram que as atividades escritas enviadas aos alunos sem acesso à internet geraram um trabalho extra que demandou tempo e exposição da saúde de todos os envolvidos. Primeiramente, os docentes precisaram reeditar as atividades e reorganizar o tempo dos estudantes, que tinham datas diferenciadas para entrega das atividades. Tudo isso demandou

tempo extra que já apontamos anteriormente. Os estudantes que apresentaram dificuldades maiores para resolver as atividades eram os mesmos que estavam sem acesso às plataformas ou outras tecnologias necessárias ao ensino remoto. Para conseguir estudar e efetuar as tarefas exigidas pelos professores, contaram apenas com o livro didático.

O uso das tecnologias digitais na educação é muito importante. O período de pandemia da Covid-19 reforçou isso, demonstrando também a necessidade da inclusão de práticas digitais no processo educacional. Porém, como tudo numa sociedade de classes, as tecnologias não são para todos. Embora, a educação seja constitucionalmente garantida a todos e todas, percebemos que a proposta de educação remota oportunizada pela SEED no primeiro semestre não garantiu isso.

Por outro lado, em um momento pandêmico e de extrema vulnerabilidade de todos, a escola precisaria ser repensada para além dos conteúdos, calendários e formulários. Tiepolo (2020) afirma que cada vez que um educador entra em contato com seus educandos, esse encontro produz saberes pela curiosidade e pela troca. Ela também afirma, que por outro lado, cada docente que entra em contato com seus estudantes leva o que estuda, o que pesquisa, além do que tem a dizer do ponto de vista da ciência sobre o tema gerador que nos interessou a todas e todos investigar no momento da crise: “a pandemia, seus efeitos e suas causas para as pessoas, para educação e para a sociedade”.

Nesse sentido, compartilhamos aqui o relato de uma mãe e professora em tempos de crise sanitária e, conseqüentemente social e educacional. Trata-se da exposição na rede social *Facebook* da realidade docente, de forma poética, mas sem romantizar a precarização do trabalho:

"Aula síncrona. Aula assíncrona. Aula por *Whatsapp*. Aula gravada. Aula ao vivo. Aula na plataforma virtual. Prepara o roteiro. Prepara o *Power Point*. Lê a BNCC. Planeja a aula. Olha o código da habilidade, para confirmar se tá certo mesmo. Elabora a atividade, nem longa demais, nem resumida demais. Contextualiza o enunciado. Não pode ser difícil, se não eles não conseguem fazer. Não pode ser fácil, se não eles não serão desafiados. Procura um vídeo adequado para encaixar na aula, nem longo demais nem curto demais. E jogos educativos relacionados ao tema. Ah, uma música também. Salva

figurinhas fofinhas pra mandar no grupo dos pais. Prepara o cenário, a caixa surpresa, os fantoches. Grava a aula. Pera, o carro do gás passou na hora, atrapalhou. Grava de novo. Manda áudio explicando a atividade. Mais um, pra não ficar dúvidas. "Manda uma foto bem bonita pra profe, segurando a tarefinha". Registra a aula. Faz o relatório. Faz a ficha de frequência. Baixa o *app* pra montagem das fotos ficar bonitinha. Eita, meu filho tá na aula *online*, precisa de ajuda também. "Boa tarde crianças". "Liga a câmera por favor". "Desligue o microfone por favor". "Parem de conversar no chat por favor". Confere quem tá na aula. Manda mensagem pra quem faltou. Olha a plataforma, tem atividade pra conferir. Posta um livro, precisa estimular a leitura. Esse não, é simples demais. Esse também não, longo demais. Compra *ring light*. Compra tripé. Compra quadro. Formata o notebook. Aumenta a velocidade da internet. "Todo mundo faz silêncio, vou começar minha aula!". Vou botar um pó e um batonzinho pra não ficar com cara de doente. A professora do meu filho manda mensagem pedindo as fotos das atividades dele, que esqueci de mandar. Baixa o *app* do *scanner*. Compartilha tela. A *Net* caiu. "Prof, a senhora tá bugada". Recebo o recado: 'manda a professora comprar um microfone que parece que ela tá falando dentro de uma lata'. Última aula do dia. Ufa! Vou desligar tudo agora! Não, pera, tem reunião pedagógica. Assista a *live*. Faça o curso de formação *online*. Tem que se capacitar. "Novos desafios, novas possibilidades". Menina, meia noite já! Vou dormir em paz. Sonho que o celular caiu e quebrou. Acordo desesperada. Penso no que tem pra fazer amanhã. Perco o sono. O dia amanheceu. Começa tudo de novo. " (disponível na rede social Facebook, sem indicação de autoria)

O relato supracitado evidenciou os desafios que a pandemia trouxe para as mulheres que são mães e professoras. Ainda é cedo para avaliar todos os impactos que esse caos sanitário vai provocar na saúde física e mental dos professores.

O Uso das TDICs e a aprendizagem na educação básica

O termo TDIC significa 'Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação' e seu uso popularizou-se com o projeto chamado 'ProInfo' (Programa Nacional de Tecnologia Educacional), do Ministério da Educação, de 1997. Tal programa buscava promover o uso das tecnologias na educação para a melhoria do ensino. Esse programa disponibilizou materiais para as escolas públicas urbanas e rurais no Brasil. Além de computadores, faziam parte do projeto cartilhas com sugestões de uso e disposição de um ambiente adequado. (CARVALHO, 2019).

Essas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) criaram formas de relacionamentos sociais, novos modelos de comércio e, novos padrões institucionais. O setor educacional não poderia ficar de fora disso por muito tempo. Atualmente, o debate sobre a inclusão social das TDICs como instrumentos inovadores de aprendizado tem se intensificado frente à crise sanitária da pandemia da Covid- 19. Essa inclusão tecnológica na educação vem seguida de incertezas e esperanças. São muitos os desafios que estão relatados nesses escritos tanto no que se refere à perspectiva das diferenças sociais, quanto da perspectiva pedagógica. Vale destacar que a aproximação entre educação e novas tecnologias, se caracteriza por ser um tempo carregado de esperanças e incertezas que está trazendo novos desafios para a sala de aula, tanto do ponto de vista de equipamentos quanto pedagógicos.

No âmbito escolar as tecnologias destacaram-se no ano pandêmico de 2020, com a grande disseminação de processos de Educação a Distância, ensino remoto, educação híbrida e tantos outros modelos. Na educação básica, é preciso considerar que as crianças chegam na escola trazendo muitos saberes acerca dessas tecnologias. Segundo o IBGE, em 2017, 97% dos brasileiros tinham acesso à internet pelo celular, portanto considera-se os estudantes como conhecedores de jogos em tablets, celulares e vídeo games, bem como na habilidade para manusear aplicativos e funções desses aparelhos e até mesmo as redes sociais. Segundo Teberoski (2003, p.?), “com a difusão do uso da informática, entramos em uma nova etapa cultural: a era digital. Essa realidade não passa despercebida às crianças.”

Essas crianças, nossos estudantes, que são falantes nativos da linguagem digital dos computadores, vídeo games e internet, são chamados de Nativos Digitais. Nós, professores, que não nascemos no mundo digital, mas em alguma época de nossas vidas adotamos muitos ou a maioria dos aspectos da nova tecnologia somos considerados Imigrantes Digitais. (PRENSKY, 2001).

Essa categorização que diferencia Nativos Digitais de Imigrantes Digitais por si só já justifica muito dos desafios frente à nova realidade de educação com inclusão das TDICs. Os professores assumem seu papel pedagógico, de

mediação no ensino com enfrentamentos das dificuldades frente às tecnologias e mídias. Tais dificuldades docentes parecem ser naturais ou instintivas para os estudantes, que as resolvem sem maiores problemas. Torna-se, assim, mais interessante a educação quando se utilizam recursos diferenciados e inovadores como esses. Não há como recuar ou evitar a inclusão das TIDCs nos processos de ensino-aprendizagem, mas é preciso considerar que essas não substituem o contato e a interação pessoal que a educação exige.

O tempo de isolamento social no ano letivo de 2020 trouxe a nova perspectiva do ensinar através das tecnologias. Neto (2020) considera que talvez seja esse um dos aspectos positivos a ser herdado pós-pandemia: a reconexão e reafirmação do pensar em sala de aula sob a ótica da ciência e da informação, juntas e indissociáveis. Esse modelo emergente de autonomia à aprendizagem. Ele acredita que “modelar” pode conduzir o aluno a gerar, de forma espontânea, o que já chamamos de mapas mentais e conceituais. Organizar a informação é um grande desafio em sala de aula, pois é preciso seguir a ‘movimentação’ rápida das ideias a fim de transformá-las em informação, conduzindo-as a unidades de significados em distintos níveis de assimilação. (NETO, 2020)

Segundo Neves et al. (2016), um novo perfil de docente no contexto das TIDCs deve surgir para a consolidação delas. Intencionalidade e profissionalismo devem compor as práticas educativas e pedagógicas. As inovações tecnológicas, que caminham juntas com as inovações pedagógicas, trazem modelos interessantes e eficazes de educação, desde que se tome os cuidados necessários quanto às relações pessoais que promovem a ensino-aprendizagem. Embora as tecnologias não substituam o papel do docente, porque as relações humanas presenciais são enriquecedoras, promotoras de curiosidades e descobertas. Enquanto mães e professoras, compreendemos que os recursos tecnológicos na educação podem aproximar e promover aprendizagens mesmo num cenário caótico de pandemia.

Nossa crítica nesse relato não é direcionada para as tecnologias, mas para os procedimentos adotados pela secretaria de educação durante a educação remota, implementada às pressas e sem discussão com os professores da rede,

no Estado do Paraná. O contexto da educação remota, colocou-nos o desafio de (re)pensar as pedagogias e de investigar sobre as práticas didáticas na cultura digital, bem como refletir acerca da interação professor- estudante, estudante-estudante, professor-professor, professor- equipe gestora, levando-se em consideração a saúde física e emocional de todos os envolvidos no processo. Somente com saúde os objetivos de ensino- aprendizagem serão alcançados. Além disso, é preciso (re) pensar estratégias metodológicas para que não se caia em processos de educação bancária, como nos alertou Freire (1987). Pois, como já comentamos, o modelo como está posto tem se apresentado conteudista, fragmentado e linear e não privilegia as relações e intervenções entre o coletivo envolvido seja ele docente ou discente.

Considerações finais

Com a explosão pandêmica causada pela doença Covid-19 surgiram muitos desafios sociais, econômicos e ambientais. A educação foi um setor afetado e, como alternativa ao cumprimento do calendário escolar, adotou-se o modelo de ensino remoto na Secretaria de estado de Educação do Paraná. Devido ao caráter de urgência de implementação desse modelo, pouco se pode pensar ou planejar.

As TIDCs são hoje uma realidade e, como mães e professoras, ressaltamos seu uso e todos os benefícios trazidos por elas. Destacamos o adoecimento das mulheres que são mães e atuam na docência, que já vivenciavam uma situação de sobrecarga no trabalho, ampliado consideravelmente durante a pandemia. Nesse sentido, as mães e professoras tem apresentado sintomas de adoecimento compatíveis com a Síndrome de Burnout que merece ser investigado.

Algumas inquietações a respeito desse modelo de educação, estabelecido na urgência sanitária do momento, foram trazidas nesses escritos como narrativas. Explicitam algumas vantagens do avanço tecnológico e suas aplicabilidades contrapondo-se a um sistema sócio- educacional que demonstra claramente a fragilidade e os abismos sociais, excluindo os vulneráveis.

Referências

BERGER, P.; LUCKMANN, T. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1985. 247p.

CARVALHO, L. A. de; FERREIRA DOS SANTOS, S.; PEREIRA OLIVEIRA, L. F.; RIBEIRO GALDINO, M. E. Tecnologias digitais de informação e comunicação (tdic's) e a sala de aula. *Humanas & Sociais Aplicadas*, v. 9, n. 26, p. 32-51, 19 dez. 2019.

CODO, W.; VASQUES-MENEZES, I. O que é Burnout? In: CODO, W. (Coord.). *Educação: carinho e trabalho*. Petrópolis (RJ): Vozes/Brasília: Confederação Nacional dos Trabalhadores em educação: Universidade de Brasília. Laboratório de Psicologia do Trabalho, 1999.

ESTEVES, J. M. *O mal-estar docente: a sala - de - aula e a saúde dos professores*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 19. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987
IBGE. <https://www.ibge.gov.br/> Acesso 22/07/2020.

LAPA, A. B.; TEIXEIRA, G. G. S. *Tutor é docente da EaD?* In: REALI, A. M. M. R.;

MILL, D. *Educação a distância e tecnologias digitais: reflexões sobre sujeitos, saberes, contextos e processos*. São Carlos: EdUFSCar, 2014, p.199-214.

MILL, D. *Docência virtual: uma visão crítica*. Campinas: Papirus, 2012.

MILL, D. Sobre o conceito de polidocência ou sobre a natureza do processo de trabalho pedagógico na Educação a Distância. In: MILL, D.; RIBEIRO, L. R. de C.; OLIVEIRA, M. R. G. de (Orgs.). *Polidocência na Educação a Distância: múltiplos enfoques*. São Carlos: EdUFSCar, 2014, p. 25-42.

MINAYO, M. C. *O desafio do conhecimento*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

NETO, J. M. F. A. Sobre ensino, aprendizagem e a sociedade da tecnologia: por que se refletir em tempo de pandemia? *Prospectus*, v. 2, n. 1, p. 28-38, 2020.

NEVES, I. S. V.; CORRADI, W.; CASTRO, C. L. F. *EaD: diálogos, compartilhamentos, práticas e saberes*. Barbacena: EdUEMG, 2016

PRENSKY, Marc. Nativos digitais, imigrantes digitais. *On the horizon*, v. 9, n. 5, p. 1-6, 2001.

ROEHE, P. Coronavírus, Covid-19, SARSCoV-2 e outros – um ponto de vista virológico. Mai, 2020. Disponível

em:<<https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/artigo-coronavirus-covid-19-sarscov-2-e-outros-um-ponto-de-vista-virologico/>>. Acesso em 21/07/2020.

TEBEROSKY, A.; COLOMER, T. *Aprender a ler e a escrever: uma proposta construtivista*. Artmed, 2003.

TIEPOLO, E. V. *A pandemia do Covid- 19 e a panaceia da EaD*. Revista Espaço Acadêmico. Educação. ISSN 1519-6186 – ANOXX, mensal. Disponível em: <https://espacoacademico.wordpress.com/>Acesso em: 16/04/2020.

WERNECK, G. L.; CARVALHO, M. S. A pandemia de COVID-19 no Brasil: crônica de uma crise sanitária anunciada. Maio de 2020. Disponível em:<<http://cadernos.ensp.fiocruz.br/csp/artigo/1036/a-pandemia-de-covid-19-no-brasil-crnica-de-uma-crise-sanitria-anunciada>>. Acesso em 20/07/2020.